SOBRE O QUE O CARTEL DECIDE?*

Anne Lopez

Os cartéis do passe estão a trabalho numa elaboração constante que diz respeito a essa junção obscura do analisante ao psicanalista, este retorno totalmente especial onde, por ter trabalhado como sujeito do inconsciente, fazendo do inconsciente o mestre, o analisante pode se extrair desse gozo, se separar dele e tirar conclusões. Pôr-se à prova e provar no passe que há algo de novo neste desejo, de que ele se autoriza para se fazer semblante de objeto causa para os outros.

Esperamos muitas coisas dos cartéis do passe: *"uma acumulação da experiência, sua compilação e sua elaboração, uma seriação de sua variedade, uma anotação de seus graus"* (1) e também decisões sob forma de nomeação do analista de Escola e de proposição de entrada na Escola por aqueles que o demandam pelo passe.

Na assembléia, escutando as intervenções feitas pelos cartéis do passe, nessa tarde, eu não tinha ainda medido, antes de estar num desses cartéis, a extrema delicadeza do procedimento e, sobretudo, as dificuldades totalmente particulares para dar conta dessa experiência, quando se está num cartel do qual se espera atos e decisões.

O que significa política do passe?

É, parece-me, situar-se logo do lado da psicanálise e do lado da Escola enquanto ela presentifica a psicanálise no mundo; é ter confiança na vontade, no querer de cada um de seus membros, com a contribuição dos não membros (passantes, passadores), orientar – se na teoria a partir da clínica dos passantes e da ética da psicanálise que permite o ato analítico. Para a Escola o objetivo do passe permanece a formação do psicanalista, *"o real em jogo na formação*

do psicanalista" (2), quer dizer, fazer do psicanalista o responsável por seu ato e o responsável que testemunha sobre *"problemas cruciais nos pontos vivos em que estão para a análise"* (3). O passe transforma, assim, a instituição em Escola, Escola que é o lugar da transmissão, ao coletivo, do singular da experiência analítica, sem editar critérios universalisantes. O passe cria o turbilhão necessário para tornar viva a psicanálise ao contrapor a norma, o conforme, o estabelecido; mas também ele impede de sonhar, de idealizar o psicanalista. Por um trabalho de crivo dos testemunhos que condensam o cotidiano analítico, os cartéis do passe decidem sobre a nomeação, mas aprendem, através de cada testemunho, alguma coisa da psicanálise.

Para o cartel é sempre difícil tentar prestar contas do como ele decide. Sobre o como, podemos dizer que o entusiasmo do passante se transmite ao cartel onde, sem escutar forçosamente o entusiasmo do passante – há entusiasmos silenciosos e tenazes – o testemunho provoca o entusiasmo do cartel; o cartel é surpreendido enquanto ele espera a surpresa. A surpresa frustra a espera da surpresa, o que é um traço notável. Em seguida, o *a posteriori* do entusiasmo coloca-se no trabalho e repercute. Há afastamento entre o que é transmitido pelos dois passadores, afastamento significativo de uma não mestria, de um dizer que se apoia na causa. O afastamento entre os testemunhos dos passadores em que o afastamento entre os membros do cartel não produziu, até o presente, esquartejamento. O cartel pode obter recurso em diferentes modalidades de resolução quando ele hesita, retorno de uma questão por intermédio dos passadores, junto aos passantes ou leitura de uma produção do passante e, talvez, outras soluções a encontrar quando isso se mostrar necessário.

Falar da fantasia é falar do verdadeiro acoplamento do sujeito ao objeto do qual ele goza na existência, ignorando-o. Parece-me que não há sempre nos testemunhos uma formulação da fantasia totalmente homóloga ao que Freud valorizou na fantasia "bate-se numa criança". Trata-se, às vezes, de uma frase que condensa, resume a posição tomada pelo sujeito de maneira constante durante toda sua existência. Esta posição, ele pode enunciá – la na medida em que ele já demarcou o trajeto pulsional e o objeto fixado pela fantasia, quer dizer, quando ele é separado de sua crença na fantasia. Outros cartéis precedentes falavam de cenas, "cenas depuradas de gozo". A construção, em análise, da fantasia é inicialmente imaginária e, no momento em que se rompe a punção entre S barrado e a, o sujeito se realiza como o que ele foi como mais de gozar.

Lacan, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, fala do algoritmo da fantasia como de "uma significação absoluta", algoritmo *que "é feito para permitir vinte e cem leituras diferentes, multiplicidade admissível*

tão longe quanto o falado permanece preso à sua álgebra" (4). Assim que o imaginário da fantasia se desconstrói, o sujeito é o vazio que encerra a pulsão e, aí, o falado não está mais preso na álgebra da fantasia. O passante demarca os momentos cruciais de sua experiência subjetiva a partir do trajeto da pulsão e dos momentos em que, como sujeito, ele se abolia, se reduzia ao objeto.

A separação do analista não dá provas em si, pois que ela é apenas a conseqüência do fato de que o desejo se destaca da demanda, do fato de que apenas permanece o movimento pulsional em torno do vazio do objeto em que nenhum objeto vale mais do que um outro. Nós temos, aliás, entre os AEs nomeados (anteriormente, e não por nosso cartel) uma exceção a essa separação, alguém que não parou com sua análise, é ele a exceção que funda a regra? Sabemos também que certos passantes retornam à análise no suspense da resposta ou após a nomeação. É, pois, um problema que permanece crucial e sempre aberto e, até então, a experiência do cartel a partir das nomeações feitas marcavam uma separação efetiva do analista. O que se transmite é a leitura do trajeto analítico a partir do trauma infantil que aciona a resposta de gozo do sujeito como interpretação do desejo do Outro ao enigma do sexo, e, em conseqüência, sua maneira de velar ou desmentir a castração oferecendo-se como falta a ser. O momento em que o analisante se separa do objeto, quando o analista já não é mais esse objeto, não se opera nunca da mesma maneira. Sair da boa maneira, nós tivemos o testemunho vivo de um passante:

- 1º tempo: "eu não tenho tempo", tempo que retoma o instante de urgência e de angústia que provocou a entrada em análise.

- 2º tempo: "eu ganho tempo", "em todos os sentidos do termo" diz seu analista. Tempo para compreender o que é o trajeto analítico de gozo da fantasia.

- 3º tempo: " eu ganho tempo para não sair (da análise) enquanto sei que ele (o analista) sabe que eu já concluí, por medo de um Outro que me expulse".

A saída se opera em três sessões que pontuam a análise num movimento respeitando o tempo lógico do analisante.

Então, o que se escreve de novo num passe para fazer o cartel decidir-se a nomear? Há, inicialmente, todo o trajeto da análise se condensando naquilo a que o inconsciente reduziu o sujeito. Com a repetição na transferência, o passante testemunha momentos de perda de gozo, das quedas identificatórias, até o ponto em que ele não atribui a nenhum parente traumático, nem a nenhum Outro, o trauma do sexo e da castração. Leia-se, igualmente, a redução do sintoma de entrada em análise ao núcleo pulsional cuja função necessária se descobre por se inscrever lá onde, no inconsciente, não se inscreve a relação

sexual. A queda dos ideais de bem, de cura, de reparação, de restauração do Outro e do sujeito se inscrevem nas conclusões decisivas de certos passantes nomeados.

Há e não há, sempre, esclarecimento sobre a decisão tomada pelo analisante de ocupar essa função de des-ser do desejo do analista. Precisemos: não se trata da decisão de "se instalar", mas do esclarecimento sobre o momento em que se articula esse desejo em captura com a pulsão, onde o sujeito do inconsciente não está mais, salvo em emprestar corpo ao semblant de causa como vazio pulsional; uma transmissão deste momento nos apareceu de forma preciosa pelo fato de que o passante o havia demarcado em sua análise e só pôde articulá –lo no próprio passe; momento em que a escolha já era feita como um desprendimento da pulsão de morte , mas cuja estrutura desse momento foi estabelecida no passe. O passe permite esse estabelecimento do desejo, estabelecimento que não é, seguramente, firmado de uma vez por todas, desde que o analista apenas opera ao continuar, por outros meios, seu trabalho de analisante. O que eu suponho é que o passe, redobrando o momento de passe para lhe demonstrar a estrutura, marca uma nova perda de gozo do íntimo ao êxtimo. Aí se ata o laço à causa analítica de uma outra maneira que, na análise por esse querer saber, a partir daquilo que do gozo não se saberá jamais.

O que se toca igualmente nos testemunhos é o que diz respeito à direção da cura feita pelo analista do passante. O passe permite não apenas escutar o estilo próprio do passante, mas permite apreender a maneira pela qual o analista dirigiu essa análise particular: suas interpretações, suas intervenções, seu manejo do tempo na transferência, tendo sabido ou não jogar com o afastamento tático necessário à emergência do parente traumático sem se deixar confundir com ele. Uma certa interpretação incidindo diretamente sobre a fantasia nos arrebatou, como ao passante durante um tempo, interpretação que fazia eqüivaler o não formulado, o não dito de uma demanda do sujeito a seu fantasma como véu de castração.

O que resta:

Em alguns passantes, lemos, no lugar do amor de transferência, um certo respeito ou estima para com o analista, por não ter cedido aos subterfúgios da demanda neurótica. A pessoa do analista lhes aparece, não se confundindo mais com o que a transferência positiva ou negativa vinha recobrir.

Resto, às vezes, ainda doloroso, mas de uma dor transformada em desejo de saber o consentimento ao sem razão do gozo, que não é mais interrogado por um porquê, uma espécie de "é assim" que é limite ao poder do analista, limite ao poder do simbólico que permanece aí sem efeito; resto, pois, de um intratável, de um incurável, espécie de "pacto com o sintoma" - para

retomar a expressão de uma passante. Parece-me importante insistir sobre essa necessária desidealização da psicanálise no traçado de certos testemunhos de passantes, nomeados onde um incurável é colocado em relevo que bordeja sintomaticamente o real como impossível. Se conclusão há com o passe, para alguns, é uma conclusão que faz abertura, uma entrada nova de um psicanalista que corre o risco com o cartel de sua nomeação, em suma, uma aposta calculada e feita por muitos.

Tradução: Rosângela Corgosinho
*Tarde dos cartéis do passe, 31 de janeiro de 1998.

Referência bibliográficas:

1. Lacan J., Scilicet nº 1, "Proposition du 9 octobre 1967", Paris, Seuil, p. 27.
2. Idem, p. 15.
3. Ibidem.
4. Lacan J., "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien", Écrits, Paris, Seuil, p. 816.